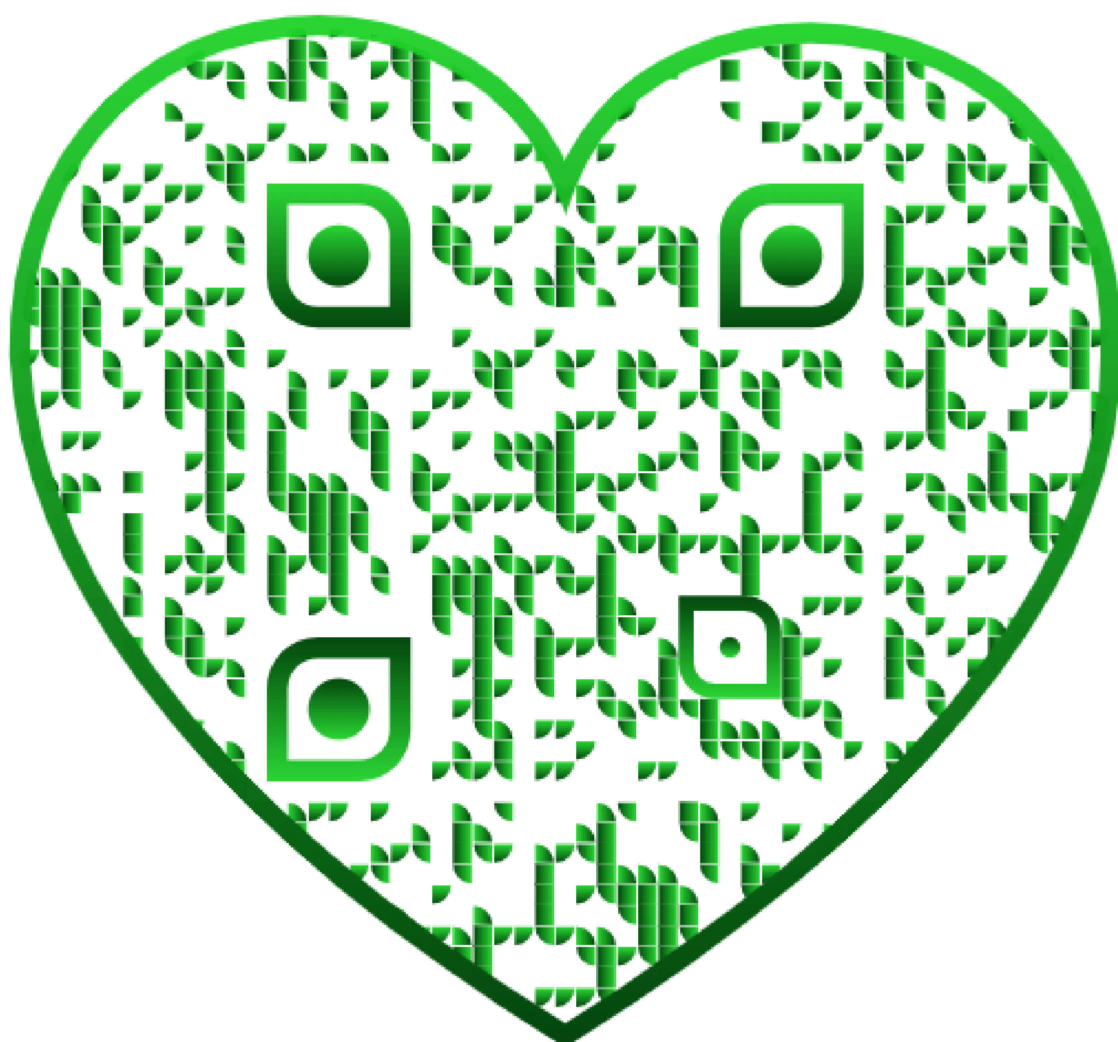


A GRANDE *mentira*



Juliana H. Cardamone



A GRANDE MENTIRA

Juliana H. Cardamone

Copyright 2018 © Juliana H. Cardamone

A GRANDE MENTIRA

Todos os direitos são reservados de acordo com Normas de Lei e Convenções Internacionais. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização prévia por escrito da autora.

Revisão: Victória Gomes

Diagramação: Aline Pádua

Ilustração: Laís Maria

Sumário

Sumário
Sinopse
Como tudo começou
O Pedido
O Grande Dia
A Descoberta
O fim
Epílogo
Agradecimentos
Contato

Sinopse

Aos 24 anos Amélie Baker, professora de inglês, se vê despedaçada, o motivo? Uma grande desilusão amorosa. Talvez ela até supere essa fase, ou não. E quando ela pensa que nada mais ficaria pior, ela se surpreende, o destino sempre nos prega uma peça não é mesmo?!

Luther Martin, 24 anos, arquiteto e o grande causador da desilusão de Amélie, um tremendo canalha. Talvez ele até se arrepende do que fez, quem sabe? Mas como diz o velho ditado, é preciso perder a pessoa para dar valor ao que ela fez enquanto estava ao seu lado. Será que Luther se arrependerá?

Como tudo começou

“Porque até as estrelas, elas queimam

Algumas até caem sobre a Terra

Temos muito a aprender

Deus sabe que merecemos

Não, não vou desistir…”

Jason Mraz - I Won’t Give Up

Amélie Baker estudava em um colégio perto de sua casa e já estava no penúltimo ano. Ela sempre foi uma excelente aluna, seus pais não tinham o que reclamar.

Garotos? Ela não dava a mínima, achava que todos eram galinhas, o que não é totalmente mentira.

Seu sonho desde pequena era ser professora, então sempre focou mais em seus estudos. Não era *nerd* e muito menos bv, muitos acham que só porque as pessoas estudam e não vão para a escola fazer baderna, são nerds, isso é meio sem noção.

Mas enfim, Lie, como era chamada por alguns amigos, já namorou uma ou duas vezes, mas não durou tempo suficiente para que ela os amasse pela a vida inteira. Uma só pessoa conseguiu seu coração: Luther, o garoto popular da escola e com fama de pegador.

Lie já perdeu as esperanças ao saber dessa tal fama, só que mal sabia a garota que Luther também sentia alguma coisa por ela, mas nunca se atreveu a dizer, por querer sua liberdade e também por ser influenciado por amigos.

Tudo mudou em um dia em que Amélie estava conversando com seus amigos no intervalo. Luther chegou de repente e a chamou para lhe dizer algo. A garota achou estranho, mas mesmo assim seguiu com ele ao lado.

— Amélie? — Ela o olhou antes de responder.

— Sim? — Ele olhou para os seus amigos, depois para ela, e então perguntou:

— Podemos conversar, a sós? Prometo ser rápido — disse percebendo sua grande estranheza.

— Tudo bem — respondeu e, em seguida, disse aos amigos que logo voltaria.

Os dois já se conheciam há algum tempo, mas nunca foram tão amigos assim.

Então sentaram-se em um banco, afastados dos demais alunos da escola que ali estavam.

— Vou ser direto, não vou enrolar mais. Eu estou apaixonado por você há um bom tempo, mas não tive coragem para te dizer. Só agora eu vi que não dá mais, eu preciso de você ao meu lado. Sei que parece ser tudo tão rápido demais, mas o que você

acha de sairmos para algum lugar?

Realmente foi rápido demais, Amélie ficou totalmente sem reação. Ela não sabia o que dizer, estava em choque com essa conversa. Nunca imaginou que um dia estaria vendo o garoto que amava praticamente declarando-se para ela, era como um sonho se tornando realidade.

— E então? — o garoto perguntou, ansioso por uma resposta.

Amélie ficou pensativa sobre o assunto, perguntando-se se devia ou não aceitar o convite tão repentino.

— Está bem, eu aceito. — Ela sorriu e pensou se fez a escolha certa por um instante, mas então chegou à rápida conclusão que devia arriscar e fazer o que seu coração mandava.

O garoto sorriu satisfeito com o resultado positivo e continuou a conversa.

— Fico feliz por ter aceitado, já até sei onde vamos. — Ele sorriu, sacana.

—E qual seria esse lugar? — Amélie, uma garota um tanto quanto curiosa, fez a pergunta, já ansiosa por uma resposta.

— É uma surpresa, você só saberá no dia. E eu estava aqui pensando, que tal esse final de semana? — O sorriso da garota se desmanchou e ela bufou em desagrado. Mas não deixou de respondê-lo.

— Tudo bem, eu não tenho escolha não é mesmo?! Ótimo, pelo menos não ficarei ansiosa por tanto tempo.

Amélie voltou a sorrir e Luther se encantou por tamanho sorriso. Ele a observava de longe, quando ela conversava com seus amigos, e amava o sorriso dela. Estava mais feliz agora por saber que o lindo sorriso naquele momento era para ele.

O sinal tocou e Luther se despediu de Amélie com um beijo em seu rosto, deixando-a mais apaixonada por ele, e cada um seguiu para sua sala. Quando ela chegou em sua aula, se desculpou com os amigos por tê-los deixado esperando-a. Eles entenderam e cada um sentou em seu lugar à espera do professor, que logo em seguida entrou na sala e começou a dar sua aula.



Os dias seguiram normalmente e o tão esperado fim de semana em que Amélie sairia com Luther finalmente chegou.

Ela estava corroendo-se por dentro, queria muito saber qual o lugar surpresa que Luther mencionara nos dias anteriores.

Amélie estava desde cedo arrumando-se. Ela optou por um vestido simples, porém muito bonito. Não era nada social e sim uma coisa bem menininha. Fez uma maquiagem nada extravagante, até porque ela não gostava muito de ficar com o rosto

todo rebocado.

A hora chegou e Amélie encontrava-se de frente para o espelho, olhando pela décima vez se tudo estava ok. Em seu quarto, conseguiu ouvir a campainha soar pela sala, o que fez com que ela tivesse um pequeno ataque.

Ainda não estava acreditando que sairia com seu grande amor. Seu pai quase a impediu de ir nesse encontro, mas sua mãe conseguiu convencê-lo.

Por Amélie ser a única filha, o pai tinha grande ciúmes, típico daqueles pais protetores que dizem que sua filha só casaria aos trinta anos e sempre acabam em contradição.

Amélie ouviu a voz tão doce de sua mãe pedir para que o garoto entrasse, dizendo que logo ela aparecia.

Ela estava tão nervosa que permaneceu em seu quarto por mais alguns minutos e só saiu quando ouviu seu pai encher o garoto de perguntas, fazendo-a voltar a si.

— Tchau, mãe. Tchau, pai. Amo vocês. — Amélie não deu tempo para o pai terminar e foi logo cortando-o.

Luther a olhou com um sorriso enorme, seus olhos brilharam ao vê-la vestida daquela forma.

— Você está linda — ele disse quando os dois já estavam dentro de seu carro.

Amélie sorriu e em seguida retribuiu o elogio.

— Obrigada, você também está lindo. — O olhar dos dois demonstrava o amor. Luther sorriu e se preparou para ligar o carro.

— Me desculpe pelo meu pai, ele não é aquele durão que demonstrou lá dentro. Só é um pai ciumento, isso eu devo admitir. — O sorriso permaneceu em seu rosto.

— Não tem problema, entendo seu pai. Se eu fosse pai de uma menina linda, também sentiria ciúmes. — Os dois riram enquanto Luther dava partida em seu carro.

Eles seguiram em direção a um lugar um pouco distante da cidade, quietos.

Luther pareceu se incomodar com o silêncio e resolveu ligar o rádio, procurando por uma estação rapidamente para não perder o foco na estrada, e encontrou uma música do Jason Mraz. Ele deixou tocar e seguiu até o local que escolheu para levar sua amada Lie.

Ele não teve medo de admitir para si mesmo o que estava sentindo, só estava criando coragem para dizer isso para Amélie. Não demorou tanto, mas esse tempo foi o suficiente para que pensasse e tomasse uma atitude.

Assim que chegaram ao seu destino, ele parou o carro e saiu, pedindo para que Amélie esperasse. Ele abriu a porta do passageiro e, em um passe de mágica, colocou uma venda nos olhos da garota curiosa e seguiu para a traseira do carro.

— Espere, já estamos quase lá — Luther disse para Amélie assim que escutou seus protestos.

— Não acredito que você colocou uma venda em meus olhos! Estou cheia de ansiedade e você está aumentando mais ainda — Amélie resmungou e Luther soltou uma gargalhada por tamanha curiosidade da garota.

— Acalme-se, estamos quase lá — ele respondeu, ainda rindo e tirando algumas coisas de seu porta-malas.

Quando enfim ele terminou de arrumar tudo, resolveu acabar com a agonia de Amélie e tirou sua venda. Ela abriu um sorriso enorme, estava encantada com o lugar, com a paisagem. Eles estavam bem perto de um rio, com uma vista linda de uma cachoeira e, mesmo com o tempo já escuro, era possível ver tamanha beleza.

— O que achou da surpresa? — Luther perguntou radiante com o resultado da sua escolha.

— É tudo tão lindo, obrigada por me trazer aqui. Eu ainda não conhecia, e confesso que foi o melhor lugar que eu já estive até hoje. — Ela sorriu com um brilho no olhar, o brilho que somente Luther fazia aparecer.

— Que bom que gostou. Agora venha, vamos sentar e desfrutar de todas essas coisas que eu trouxe para fazermos um piquenique. — Ele segurou em sua mão, levando-a para o pano em que forrou no chão.

E assim os dois seguiram por um tempo, comendo, conversando, rindo, até perceberem que já estava tarde e precisavam ir antes que o pai de Amélie ligasse para a polícia ir atrás dos dois. Do jeito que ele é, isso era bem provável acontecer.

Depois de arrumarem tudo, caminharam para o carro e seguiram de volta para a casa. A volta não foi silenciosa, pelo contrário, foi cheias de risadas.

— Obrigada por hoje, eu me diverti muito — Amélie disse ainda rindo da piada que Luther contou minutos antes de chegarem.

— Foi um prazer ter saído com você, eu também me diverti. — Ele sorriu.

Logo em seguida, o clima começou a esquentar e, de repente, os dois já estavam ao beijos. Assim que terminam o beijo caloroso, Amélie corou e ficou estática com o que aconteceu naquele momento.

— Preciso ir, até mais, Luther — ela disse por fim, já saindo do carro.

— Até mais, Amélie. — Talvez ela não tenha nem ouvido o que ele disse, já que saiu do carro feito um foguete e entrou em sua casa.

Luther deu um sorriso bobo mesmo com essa reação de Amélie. Ele não se importou, estava apaixonado e o beijo foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Então, ligou o carro novamente e seguiu para sua casa.

Amélie, que já em seu quarto, pulava de alegria. Depois de ter passado pelo seu pai e respondido suas centenas de perguntas, é claro. Ela estava radiante, jamais

imaginou que um dia beijaria Luther, o seu único e grande amor. Naquela mesma noite, depois de ter tomado um bom banho, ela deitou-se em sua cama e dormiu sorrindo.

O Pedido

“Vim para te encontrar, dizer que sinto muito
Você não sabe quão adorável você é
Tinha que te ver, te dizer que preciso de você
Dizer que te escolhi.”
Coldplay - The Scientist.

Anos mais tarde

Depois de Amélie e Luther terem saído naquele fim de tarde, vários outros encontros vieram e isso resultou em um pedido de namoro.

O pedido foi lindo, Luther o fez na frente de todos da escola, fazendo com que Amélie ficasse roxa de vergonha, mas isso não a impediu de dizer sim. Todos bateram palmas, mas algumas meninas não ficaram nada satisfeitas com esse namoro. Pura inveja, essa era a realidade, até porque queriam estar no lugar de Amélie.

Luther precisou encarar mais uma vez o pai de garota, não teve escapatória. Não bastava fazer o pedido somente para Amélie. Mesmo relutante, o pai não proibiu que os dois ficassem juntos, até porque ele sabia que seria muito pior se não aceitasse. Depois de suar frio, imaginando que sairia da casa de Amélie a pontapés, Luther se alegrou pelo sogro aceitá-lo.

O tempo foi passando e os dois se amavam cada vez mais.

Por incrível que pareça, ninguém interferiu na relação dos dois e Amélie agradeceu aos céus por isso. Sempre soube da fama de Luther, as garotas sempre caíam em cima dele, mas ela se preparou mentalmente para qualquer coisa que as meninas loucas da escola fizessem contra eles.

Hoje, aos vinte anos, eles cursam o último ano de faculdade. Ela dará aula, como sempre sonhou, e ele será um arquiteto. A relação dos dois parece melhorar cada vez mais. É claro que, como todos os casais, eles têm algumas briguinhas, mas logo se resolvem, como sempre fizeram.

Luther, como já era costume entre os dois, preparou uma surpresa para Amélie, e ela, bem como todas as vezes, está se corroendo de curiosidade. Perdeu as contas de quantas vezes tentou fazê-lo contar.

Ele ama vê-la curiosa, então se divertiu com todas as tentativas falhas de Amélie fazê-lo confessar mais uma das várias surpresas que já tinha preparado. Luther fez uma reserva em um belíssimo restaurante, achava que combinaria com a ocasião.

Na saída da faculdade, os dois se encontram, cumprimentam-se com um beijo casto e um abraço e seguem para o carro. No caminho da casa de Amélie, conversam sobre a formatura de ambos e os acontecimentos dos últimos anos. Quando já estão em frente à porta, ela lhe faz um pedido.

— Amor, almoça comigo? — Amélie faz a típica cara do gato de botas para convencer Luther aceitar seu pedido, mas nem era necessário. Ele faz qualquer coisa para deixá-la feliz.

— Eu fico, meu amor, ainda mais com essa carinha linda que você faz. — Os dois riem e entram na casa.

Assim que chegam na cozinha, encontram a mãe de Amélie dando instruções sobre o que a cozinheira deve fazer de almoço.

— Oi, mãe. Oi, dona Aime — Amélie as cumprimenta e logo em seguida Luther faz o mesmo.

— Oi, sogrinha. Oi, dona Aime. — Ele sorri e as três repetem o gesto.

— Oi, meus amores — a mãe de Amélie responde.

— Oi, crianças. — Dona Aime, uma senhora com um pouco mais de cinquenta anos, é carinhosa como sempre.

— Mãe, estou em meu quarto. Quando o almoço estiver pronto, nos avise, tá? — Amélie olha para sua mãe esperando por uma resposta.

— Tudo bem — responde ela prontamente e os dois seguem para o quarto.

A mãe de Amélie sempre gostou do genro, desde o primeiro momento em que ele apareceu em sua casa. O pai com o tempo se conformou que sua princesinha já era adulta e que Luther a fazia feliz. E, como qualquer pai quer ver seus filhos felizes, Luther conseguiu conquistar o sogro durão. Hoje, o pai de Amélie o trata como um filho. Quando os dois se encontram, só falam de futebol americano, mas parecem amigos de longa data.

Assim que os dois chegam no quarto de Amélie, ela guarda sua bolsa e se joga em sua cama. Luther faz o mesmo, deitando ao seu lado. Os dois trocam carícias, mas não passa disso, até porque não estão sós em casa. Não que os dois nunca tenham feito nada, é claro que fizeram, como todos os casais eles também têm suas noites de amor, mas sem testemunhas.

Um beijo cheio de amor e desejo é dado em Amélie e os dois se separam por falta de ar e pelo ambiente ter se tornado um tanto caloroso. Eles sorriem e Amélie deita em seu peito.

— Eu te amo tanto, Luther. Obrigada por tudo, você foi a melhor coisa que aconteceu em minha vida. — Amélie se declara para ele, o coração transbordando de alegria. Mal podia imaginar que um dia estaria deitada e abraçada com o seu único e grande amor.

— Eu também te amo, minha princesa. Agradeço muito por ter finalmente tomado a iniciativa de ir falar com você aquele dia na escola. Hoje, estamos juntos e tão felizes, era tudo o que eu mais queria.

Os olhos de Amélie lacrimejam, ela o abraça e mais uma vez os dois se beijam.

Passando-se alguns minutos, são chamados para o almoço, que segue tranquilo. Os três conversam naturalmente, o assunto é sobre os planos de cada um para o futuro, mas não é só isso, conversam também sobre como está puxado esse último ano de faculdade e várias outras coisas. O almoço termina e a mãe de Amélie volta ao trabalho, deixando-a só com Luther e dona Aime.

— Preciso ir, princesa, mais tarde nos vemos. Preciso resolver algumas coisas antes da sua surpresa. — Luther se despede de Amélie. Ela mal pode esperar, não vê a hora de saber o que é essa surpresa.

— Tudo bem, meu amor. Estou morrendo de ansiedade, não vejo a hora de saber o que é essa surpresa. — Eles se despedem com um beijo calmo e Luther segue para sua casa.



As horas parecem demorar uma eternidade e Amélie tenta passar o tempo estudando, mas o tédio e a ansiedade parecem dominá-la por completo.

Quando seu relógio marca seis da noite, ela toma um banho relaxante e coloca um dos seus vestidos longos, nada extravagante, mas bonito, em um tom de vinho. A maquiagem está simples e bonita, o cabelo com um coque frouxo, mas elegante.

E, mais uma vez, ela se encontra em frente seu espelho. Como um flash, Amélie lembra-se do seu primeiro encontro com Luther, quando estava com o mesmo estado emocional, ansiosa, mas agora ela sente uma alegria imensa. Nunca pensou que poderia se sentir assim algum dia.

Com uma tentativa quase frustrada, Amélie tenta ao máximo não se desmanchar em lágrimas por tamanha emoção. Mal ela sabe que essa emoção que sente só está começando.



Já no carro, os dois conversam animadamente. Luther tenta ao máximo controlar seu nervosismo e Amélie nem percebe isso porque ela também está nervosa e ansiosa para descobrir que lugar que ele a levará.

Assim que Luther para o carro, sai imediatamente e abre a porta para sua amada, que logo consegue onde estão. Um lindo restaurante, o melhor da cidade. Amélie olha encantada. Já ouviu falar muito do local, mas nunca tivera oportunidade para ir no mesmo. Seus pais vinham sempre, mas ela preferia deixar os dois a sós.

— Meu amor, esse lugar é tão lindo. — Os olhos de Amélie brilham, a felicidade é imensa. Luther também não fica de fora, ele se sente tão bem em saber que deixou-a feliz.

— Que bom que gostou, princesa, mas precisamos entrar. A surpresa ainda não

acabou. — Os dois sorriem, adentrando o restaurante.

A recepcionista os recebe e os leva para a mesa reservada. Luther, como um bom cavalheiro, arrasta a cadeira para que Amélie se sente. Ele faz sinal para o garçom, chamando-o, e, assim que o homem se aproxima da mesa, fazem seus pedidos. Ainda aguardando, conversam sobre o ambiente.

— Estou encantada, esse lugar é tão lindo, tanto por dentro quanto por fora. Estou sem palavras! Obrigada, meu amor, por me proporcionar coisas maravilhosas. — Amélie sorri, selando seus lábios com os de Luther.

— Não precisa me agradecer, princesa. Sabe o quanto é importante para mim e nada que eu faço pagaria por todo amor que você me proporciona. — Antes de Amélie falar algo, os pratos chegam, juntamente com a bebida.

— Aqui está, senhores. Bom apetite — O garçom diz, servindo-os.

Eles agradecem em uníssono e o garçom segue em direção a outras mesas. Iniciam a refeição, em silêncio por alguns minutos, mas tudo muda quando Luther resolve fazer algo totalmente inesperado por Amélie. Não que ela nunca imaginou que um dia aconteceria, mas não esperava por isso nesse momento.

Luther segura em sua mão e começa a falar.

— Minha princesa, você não sabe o quanto eu estava ansioso, nervoso e pensando em como faria tudo isso. Eu te amo tanto, sabe disso. Você foi minha melhor escolha em todos esses anos, e é por isso que eu quero viver ao seu lado até que a morte nos separe.

A essa hora, Amélie já chora, sabendo onde Luther chegará com essas palavras doces e amorosas.

— Eu preparei essa surpresa para você, para te fazer um pedido.

Luther se ajoelha em sua frente, abre a caixinha com um lindo anel de pedras de Swarovski e diz:

— Amélie, minha princesa, amor da minha vida, você aceita se casar comigo?

Tentando conter a grande emoção, Amélie o responde:

— Eu aceito, meu amor. Estou sem palavras, você é incrível, eu te amo tanto!

Luther então coloca o anel em seu dedo, levanta sorrindo e lhe dá um beijo apaixonado. Logo ouvem aplausos e murmúrios das pessoas ao redor, que observavam a cena, dizendo o quanto Luther é romântico. Eles sorriem em meio ao beijo e logo voltam a si.

Não demora muito para os dois saírem do restaurante, provavelmente indo comemorar em um lugar mais reservado.

O Grande Dia

“Eu encontrei um amor para mim

Querida, entre de cabeça e me siga

Bem, eu encontrei uma garota, linda e doce

Oh, eu nunca soube que era você quem estava esperando por mim.”

Ed Sheeran - Perfect

Meses depois

Hoje é o dia da formatura de Amélie e Luther, a empolgação é grande, mas nada comparado o nervosismo do dia do casamento, que está próximo. Amélie não sabe o que fazer com tanta coisa em sua cabeça. Ela tem ajuda de seus pais e sogros, é claro, mas ainda assim não muda nada. Formatura e casamento na mesma semana é muita coisa. Mas tudo corre bem e é lindo, a formatura é bem emocionante e os dois não poderiam estar mais felizes, afinal ambos se formaram na profissão dos seus sonhos.

Quando acaba todo aquele discurso, todos os alunos presentes vão para uma boate onde a festa acontecerá. Amélie e Luther não ficam grudados o tempo todo, ambos se encontram em uma roda de amigos, conversando. Eles bebem, mas nada exagerado, já que Amélie nunca gostou de beber muito. Luther sempre saía com os amigos para encher a cara, mas a noiva foi sua grande salvação; ele não costuma fazer mais nada do que fazia antes.



As horas passam e os dois resolvem ir para casa. Amélie está exausta e não aguenta mais ficar em cima do salto alto. Assim, despedem-se dos amigos e seguem para casa. O casal já está morando junto, afinal em poucos dias se tornarão marido e mulher oficialmente.

O pai de Amélie nada fez, afinal estava conformado que sua princesinha era uma grande mulher e ele já tinha convivido tempo suficiente com Luther para confiar no rapaz. Não ia interferir em nada.

Quando enfim chegam em casa, ambos tomam, juntos, um banho relaxante e vão deitar. Logo começam as carícias, resultando em uma longa noite de amor.



Depois de muita ansiedade e nervosismo, o grande dia chega.

Amélie saiu bem cedo para o seu dia de noiva e, nesse exato momento, se encontra em um *spa*, deitada em uma grande banheira com alguns sais de banho, completamente relaxada.

Depois de um tempo, ela segue para o salão para arrumar o cabelo, fazer as

unhas e maquiagem.



A hora chega e, com ela, o nervosismo e a ansiedade de Amélie, que por sinal está deslumbrante.

Seu vestido é lindo, com um decote canoa regata, rendas em boa parte do modelo, uma faixa de cetim com um acabamento em laço em suas costas. O cabelo está enrolado em um coque elegante, com um arranjo ao lado, já que Amélie não usará véu. Sua maquiagem está perfeita. Em seus olhos, um tom de sombra branca e marrom, esfumaçado no côncavo, com *glitter*, além do delineador que a maquiadora havia passado. Seus cílios estão maiores e em sua boca, para não ficar muito chamativo, há um batom Matte na cor nude.

Luther veste um smoking cinza, uma camisa branca e uma gravata prateada. Seu cabelo está penteado para trás.

Ambos estão lindos, e muito nervosos, é claro.

Amélie já está pronta e seu pai espera para levá-la ao altar.

— Você está tão linda, minha princesa. — Sorri, já emocionado, afinal, sua pequena havia crescido e se tornara uma grande mulher.

— Obrigada, pai. — Amélie sorri com os olhos cheios de lágrimas enquanto seu pai beija sua testa.

— Vamos antes que você borre sua maquiagem e o seu noivo tenha um treco por sua longa espera. — Ele sorri, levando-a para a igreja onde acontecerá a cerimônia.

O caminho é cheio de aflição, ansiedade, todas as reações misturadas.

Na igreja, todos aguardam a chegada da noiva e Luther, de pé perto do pastor, está totalmente nervoso, com suas mãos suando frio. Passando-se alguns minutos, ou talvez um hora inteira, o carro do motorista da família Baker para em frente à igreja, fazendo com que Luther prenda sua visão na entrada.

— Chegamos, princesa. — Amélie sorri para o pai e acena com a cabeça em um sinal de positivo.

Quando ela escuta a música que escolheu para sua entrada, *Perfect*, do Ed Sheeran, sente suas pernas tremerem, suas mãos suarem, e percebe que chegou a hora em que se tornará oficialmente mulher de Luther.

Pai e filha saem do carro e se preparam para entrar. Amélie procura Luther com o olhar e fica ainda mais encantada ao vê-lo naquele traje.

Seus olhos brilham e ali se vê o amor. Luther sorri ao ver como sua amada está linda, caminhando ao seu encontro no altar. Quando enfim os dois estão perto, o pai de Amélie a entrega para Luther.

— Cuide bem da minha princesa — diz beijando a testa de Amélie e, em seguida, cumprimentando Luther.

— Cuidarei como se fosse minha própria vida — ele responde, sorrindo para Amélie.

Antes de virarem para o pastor, Luther diz somente com o movimento de sua boca que Amélie está linda, que sorri. E assim o pastor dá início a cerimônia.

— Irmãos e irmãs, senhoras e senhores, estamos reunidos aqui na presença do Senhor para celebrar a cerimônia matrimonial de Luther Martin e Amélie Baker. Em Gênesis, o capítulo dois, versículo dezoito, diz o seguinte: “então o Senhor Deus declarou: ‘não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e lhe corresponda.’”. Ainda em Gênesis, capítulo dois, versículo vinte e quatro fala: “por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”. Então, irmãos, o casamento é isso, a união de duas carnes, a simbolização de Cristo com sua igreja.

“E é por isso que eu vos pergunto, Luther Martin, é de livre e espontânea vontade que você aceita Amélie Baker como sua legítima esposa, para amá-la e respeitá-la, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias de sua vida?”

Depois de falar algumas palavras e ensinamentos o pastor dirige a pergunta ao homem.

— Sim. — Luther olha para Amélie e sorri com sua resposta pronta para ser dita no momento em que ouvia o pastor.

— E você, Amélie Baker, é de livre e espontânea vontade que você aceita Luther Martin como seu legítimo esposo, para amá-lo e respeitá-lo, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias de sua vida? — O pastor vira-se e faz a mesma pergunta para Amélie.

— Sim — Amélie responde sorrindo, sentindo seu estômago revirar tamanha é sua felicidade, por ter esperado por tanto tempo sua eterna felicidade.

— Peço que, por favor, façam os seus votos — o pastor diz, olhando-os.

Luther resolve, então, começar.

— Acho que minha melhor escolha foi ter criado coragem e ido falar com você na escola. Eu já sabia que te amava antes mesmo de ter ido falar com você. Eu te via de longe e imaginava nós dois juntos, e, por incrível que pareça, mesmo com a idade que tínhamos, imaginava a mesma cena de agora, nós dois trocando nossos votos e formando nossa família, e é assim que eu quero que seja. Foi você quem eu e meu coração escolhemos para ser mãe dos meus filhos. Me faltam palavras para dizer o quanto estou feliz nesse momento, o quanto esperei por esse dia. Eu te amo tanto, minha princesa, que chega a doer em minha alma. Eu prometo cuidar de você até quando o ar me faltar.

A essa altura, lágrimas banham o rosto de Amélie e Luther também não fica de fora. Os dois estão emocionados. Os familiares e alguns convidados choram também pela emoção que aqui sentem. Amélie tenta conter as lágrimas para que não caiam mais, limpando-as e logo em seguida começando seus votos.

— Eu sempre te amei, desde o momento em que te vi na escola, só que tinha um porém. Você era o popular, cobiçado por várias meninas, jamais pensei que você teria olhos para mim, e, pior ainda, que se declararia. Eu me senti muito feliz no momento em que você me chamou para um encontro, acho que essa é a palavra exata, meu coração pulava de alegria. O meu grande amor, com o qual eu sempre sonhei em ficar junto, tinha me chamado para sair. Confesso que fiquei intrigada, mas tudo passou e esses anos que estamos juntos foram os melhores da minha vida.

"Deus não poderia ter me dado um presente melhor no mundo que não fosse você, porque sim, você é meu presente, o melhor do que eu já ganhei por todos esses anos vividos. Eu te amo tanto, meu amor. Foi você quem eu escolhi para minha vida toda e prometo, diante de todos, que te farei o marido mais feliz do mundo".

Todos aplaudem e o pastor volta a falar.

— As alianças, por favor. — Os anéis são entregues aos noivos e o pastor dá continuidade.

— Amélie, receba essa aliança como prova do meu amor e minha fidelidade. — Luther repete as mesmas palavras em que o pastor dita e pega a mão esquerda de Amélie, deslizando a aliança em seu dedo e, em seguida, beijando sua mão com o anel.

Amélie, com a aliança pronta para ser colocada no dedo de Luther, fala as mesmas palavras ditas pelo pastor.

— Luther, receba essa aliança como prova do meu amor e minha fidelidade. — Amélie repete os mesmos movimentos e beija a aliança. E, mais uma vez, o pastor retoma sua fala.

— Mateus, capítulo dezenove, versículo seis, diz: "assim eles já não são dois e sim uma só carne. Portanto o que Deus uniu, ninguém separa". E eu digo, irmãos, pelo poder de Deus concedido a mim, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva. — diz olhando Luther, que não demora a dar um beijo cheio de amor em Amélie.

Vários aplausos podem ser ouvidos dentro da igreja. A alegria dos dois ao caminhar em direção à porta e, logo em seguida, passar pela chuva de arroz é enorme.



Alguns minutos depois, todos se encontram na festa em um salão.

A festa dura algumas horas e logo Amélie e Luther estão se despedindo dos familiares e indo para o aeroporto. A viagem de lua de mel dos dois será em Paris.



Depois de algumas horas de voo os dois já estão saindo do aeroporto e caminhando para o táxi ali estacionado. O taxista segue para o local indicado por Luther e, em meia hora, para no hotel onde serão hospedados. Luther pega a chave com a recepcionista, que por sinal está babando por ele, e isso não passa despercebido por

Amélie.

Os dois sobem para o quarto e ali, na cama cheia de pétalas de rosas, fazem amor e terminam a noite cheia de emoções.

A Descoberta

“Você pode olhar nos meus olhos e fingir o que quiser

Mas eu sei, eu sei

Seu amor é só uma mentira

Não é nada a mais que uma mentira.”

Simple Plan - Your Love is A Lie

Quatro anos depois

Amélie não poderia estar mais feliz com sua vida. Alguns dias atrás, ela e Luther completaram quatro anos de casados, o que resultou em uma noite especial e uma viagem como uma segunda lua-de-mel. Falando em lua-de-mel, a deles, em Paris, foi maravilhosa. Visitaram vários lugares e, em cada ponto que passavam, Amélie se encantava mais ainda por tamanha beleza.

Quando voltaram de viagem, ambos foram procurar emprego, quer dizer, Amélie foi, pois Luther conseguiu um lugar próprio em que pudesse receber seus clientes. Ela conseguiu vaga em uma escola, um pouco distante de sua casa, mas isso não a desanimou, até porque em seu aniversário havia ganhado um carro de seu pai, como prometido a uns anos atrás. A mulher não poderia estar mais feliz por todos os acontecimentos ao longo desses anos.

O café é servido e os dois comem, conversando sobre o dia anterior no trabalho. É sempre assim, eles procuram saber o dia um do outro. Conversam sobre formarem uma família, já que, apesar de viverem juntos há anos, optaram por esperar um pouco mais antes de terem um novo membro. Ambos querem dar uma vida boa para os filhos que pretendem ter. Um tempo atrás, tiveram uma conversa sobre o assunto e foi aí que chegaram à essa conclusão.

— Tchau, princesa. — Luther beija sua esposa com carinho.

— Tchau, meu amor, até mais tarde — Amélie responde sorrindo, sentindo-se nas nuvens como quando ainda eram namorados. Ela jamais quer perder essas sensações com Luther, ama sentir as borboletas em seu estômago quando está perto de seu marido, quando fazem amor e, principalmente, quando acorda em seus braços.

Ainda nesta manhã, Amélie prepara algumas aulas, corrige algumas provas e vai se arrumar para ir ao trabalho. O caminho até a escola é tranquilo, com um pouco de trânsito, mas nada que a faça demorar.



Horas mais tarde, depois de ter dado aulas e provas para algumas turmas, Amélie já está a caminho de casa, exausta. Ela pensa na sorte de ter contratado uma moça para arrumar as coisas em sua casa, porque a essa hora ela chegaria do trabalho e teria que fazer tudo. Ao chegar, sua empregada sai da cozinha, encontrando-a.

— Senhora, o que quer para o jantar? — pergunta prontamente.

A empregada é uma moça de aproximadamente vinte e cinco anos, jovem e bonita. Quando encontrou o anúncio em um jornal sobre a vaga na residência dos Martin, correu para uma entrevista. Ela precisava desse emprego e não perderia a oportunidade de trabalhar na casa de Luther e Amélie.

— Oi, Ella, faça o que achar melhor, confio em seu gosto — Amélie responde, delicadamente para não parecer ignorante de sua parte. Sempre tratou Ella com um grande carinho, porque para ela em nada importava se fosse uma simples empregada ou não. Mesmo sendo filha de pais ricos e com vários empregados, nunca os tratou com indiferença, nunca achou que para se sentir bem precisava humilhar os outros, como algumas pessoas que havia conhecido.

— Tudo bem, senhora — responde, sorrindo para Amélie.

Ella se desdobra para fazer tudo, Amélie já estava pensando em contratar uma nova pessoa para ajudá-la com os afazeres. Ela sobe para o seu quarto e toma um banho para relaxar e esperar seu belo marido para o jantar.



Algum tempo depois, a mesa está posta e Amélie e Luther, sentados jantando e conversando animadamente. Mais tarde, os dois estão nus, fazendo amor, que dura um bom tempo até caírem exaustos e dormirem.



Amanhece e o casal faz as coisas como todos os dias, mas hoje será diferente e Amélie parece sentir isso, uma sensação estranha. Prefere não contar a Luther por não querer preocupá-lo. Mesmo com essa sensação, misturada com um mal-estar, Amélie dirige até seu trabalho.



Um tempo depois, em sua terceira aula, para de escrever na lousa e senta. Seus alunos acham estranho e um deles caminha em direção a sua mesa.

— Professora, a senhora está bem? — pergunta Oliver em um tom preocupado.

— Estou sim, obrigada, Oliver. Foi só um mal estar, mas logo passa — responde com um sorriso murcho em seus lábios.

O menino, mesmo relutante, resolve voltar para o seu lugar. Amélie permanece poucos minutos sentada e resolve levantar-se, por pouco não cai ao chão.

— Pessoal, me desculpem, mas não vai dar para continuar a aula. Vou conversar com a diretora e pedir para serem liberados mais cedo. — Todos assentem e assim Amélie o faz. Dona Cassandra, a diretora, sugere que faça o mesmo por não está

se sentindo bem.

Amélie não protesta nem nada, por mais que queira terminar a aula, não está nada bem. Talvez tenha sido o café da manhã que não lhe caiu bem, ou a falta de alguma vitamina, pois sempre teve problemas com isso. Dirige devagar até a sua casa, recebendo buzinadas dos carros que a ultrapassam. Ela não tem culpa por tal coisa, então simplesmente ignora.

Com muito custo, consegue chegar em sua casa e entra na cozinha para beber um copo d’água, estranhando o cômodo estar vazio, mas pensa que talvez a Ella esteja arrumando o andar de cima. Sobe as escadas em direção ao seu quarto e, ao chegar no último degrau, ouve um barulho em seu quarto e constata que Ella o está arrumando. Mas, ao se deparar com a porta aberta e a cena em sua frente, seus olhos automaticamente esbanjam lágrimas.

Amélie treme ao ver seu marido fazendo sexo com Ella, sua empregada, a mulher em que ela confiou e deu emprego. A mulher que desesperadamente pediu uma oportunidade por precisar tanto do dinheiro, agora está ali, em sua cama e com seu marido.

— Como você pode fazer isso comigo? — diz para Luther, chorando, e só aí os dois levantam-se em um pulo, percebendo que Amélie está plantada na porta do quarto.

— Princesa, eu posso explicar — Luther diz na cara de pau, como se isto tivesse alguma explicação.

— Explicar o que, Luther? Não tem explicação nenhuma, você é um canalha! Não sei como teve coragem de fazer isso comigo, na minha própria casa e em nossa cama. Pior ainda, com a empregada. Você me decepcionou, estou com um ódio de você. Dizia me amar e me trai, isso é amor para você? Nós vivemos anos maravilhosos, e agora eu passo a ter dúvidas se realmente o que vivemos foi verdadeiro — Amélie grita todas as palavras para Luther, ele a olha espantado, pois nunca fez nada parecido. Mas isso tudo é culpa dele.

Amélie chora, a dor que sente em seu peito é imensa. Ela jamais imaginou que aconteceria algo assim.

— Me desculpa, princesa, eu não queria… — Luther ainda tenta se redimir enquanto Ella já está vestida, sem falar uma palavra.

Amélie ri, nervosa com o que Luther acabou de dizer, como se ela fosse alguma trouxa em acreditar em suas palavras. Seu mal-estar parece ter piorado mais ainda por seu nervosismo.

— Não me chame de “minha princesa”, você perdeu esse direito. E agora me fala, desde quando vocês fazem sexo em nossa cama, Luther? — Essas palavras parecem facadas em seu peito, é uma grande tortura esse momento.

Luther nada fala, sua cara não tem nenhuma definição certa para essa descoberta. É uma mistura de medo, talvez até arrependimento.

— Eu te fiz uma pergunta, seu canalha! — Amélie fala, gritando.

Ela então pensa que a sensação estranha que sentia mais cedo era como um aviso de que algo aconteceria, e realmente aconteceu, a grande traição do homem que ama. Ela achou que ele havia mudado por estar com ela, mas parece que não. Jamais passou por sua cabeça que o garoto galinha e popular da escola continuaria com o mesmo título.

Mas certas coisas não mudam, não é mesmo?

— Essa é a terceira vez — Luther responde com cara de paisagem.

Amélie parece não se aguentar mais, então chega perto de Luther e desfere um tapa. Ele sente automaticamente um ardor em sua face.

— Isso não é nada do que você merece, deveria fazer pior. E você é uma ordinária — diz, olhando para Ella. — Não parece que precisava do emprego assim, já que acabou de perdê-lo ao se deitar com seu patrão.

Amélie chega mais perto de Ella e nem se dá o trabalho de esbofeteá-la, apenas a pega pelos braços e joga para fora do quarto.

— Saia do meu quarto, da minha casa, agora, sua vagabunda! Está demitida.

Ella nem ao menos chora ou tem alguma reação, simplesmente sai.

— Quero que você saia da minha casa, da minha vida. Desaparece, não quero mais ouvir falar em seu nome. E me faça o favor, quero o divórcio, não fico nem mais um minuto sequer ao seu lado — Amélie diz, olhando-o com ódio, tristeza, dor, tudo junto. Ela aproxima-se do closet e joga as roupas de Luther no chão.

Ele a olha atônito, pega suas coisas e joga em uma mala que estava no closet. Amélie chora e sente ódio ao mesmo tempo em que tira todas as roupas de Luther do closet. Quando tudo está acabado, ele caminha em direção à porta e olha para trás para encontrar o olhar de Amélie, mas nada vê. Ela está de costas, olhando pela janela. Quando não sente mais a presença de Luther, desaba. Arranca os lençóis que estavam em sua cama e cai sobre o colchão, chorando sem parar.

O fim

“And the broken hearts parade

And I putting my heart out on display there’s no,

Masquerade, just a funeral march for love today

The band strikes up and they’re playing our song

Dressed in black and we’re singing along, to the

Broken hearts parade, I’ve never been better then I am today…”

Good Charlotte - Broken Hearts Parade

No dia seguinte, Amélie levanta sem força alguma. Sua noite foi a pior de todas, ela chorou até conseguir pegar no sono. Durante a madrugada, foram vários pesadelos que tivera, resumindo, uma noite péssima. E isso a levou à conclusão de que, daqui para frente, suas noites serão difíceis.

Com muito custo, levanta e caminha até o banheiro, se olha no espelho e mal reconhece o que vê. Uma mulher com os olhos inchados de tanto chorar e com uma expressão de acabada.

Amélie tira sua roupa e caminha para o chuveiro e, ali, chora mais ainda.

Seus pensamentos são sobre a cena de ontem, e sobre todos os anos e as noites vividas com Luther terem acabado.

Depois de alguns minutos no banho, Amélie seca seu corpo e se enrola na toalha, sai do banheiro e vai para o closet pegar uma roupa para o trabalho. Ao se deparar com o closet contendo somente suas roupas, chora ainda mais, já não aguenta mais essa dor, não quer derramar mais nenhuma lágrima por aquele homem que somente está fazendo-a sofrer. Já vestida, resolve passar uma maquiagem em seu rosto para disfarçar o inchaço.

Nesta manhã, ela não foi correr. Por mais que fosse bom para tentar esquecer do ocorrido pelo menos naquela hora, não tem forças. Só irá trabalhar porque é preciso, é o seu sonho, e não o abandonará por mais que queira ficar enfiada o dia todo em casa, deitada.

Sem ter muita fome, Amélie não come nada. Pensa em ligar para sua mãe. Ela e seu pai precisam saber, afinal uma hora ou outra descobrirão. E falta algum tempo para ela ir trabalhar. Pega seu telefone e disca o número de sua mãe. Com dois toques, ela atende.

— Oi, filha, bom dia! Que saudades que eu estava de você. Está tudo bem? E o Luther, como está? — Amélie tenta não desabar ali falando com sua mãe e, com a voz trêmula de choro, responde.

— Oi mãe. — Sua voz é fraca. — Você está ocupada? Pode vir aqui em casa? Preciso muito de você nesse momento. — Amélie então chora e sua mãe, desesperada, responde que em alguns minutos estará lá, desligando o telefone.

Amélie, então, deita-se no sofá e fica em posição fetal. Só quer que esse

momento acabe, não está aguentando a dor que aquela traição faz em seu peito. Trinta minutos depois, a campainha toca e Amélie levanta para abrir a porta, se deparando com as duas pessoas mais importantes de sua vida e que, naquele momento, fazem toda diferença ficando ao seu lado.

Amélie nada fala e desaba nos braços de sua mãe, que caminha com ela até o sofá, enquanto seu pai fecha a porta.

— Ele me traiu, mãe. Luther me traiu da pior maneira possível. — Ela joga a bomba em cima dos pais.

O rosto de seu pai, antes preocupado, adquire uma expressão de raiva, ódio. Ele não acredita no que acaba de ouvir. O homem no qual ele confiou em entregar sua filha, o homem que ele passou a considerar como filho, feriu os sentimentos do seu bem mais precioso.

— Como aquele infeliz pôde fazer isso com minha princesinha?! Ele pagará pelo que fez com você, meu amor, não se preocupe. Eu disse para ele cuidar de você, não deveria ter te magoado — o pai de Amélie esbraveja com suas palavras rancorosas.

— Não, pai, não faça nada, por favor. Deixa para lá, eu só quero esquecer isso tudo — Amélie diz. Por mais que não queira, ela ama o Luther, e, por pior canalha que ele seja, não o deseja mal.

Não tem como apagar todos os anos que viveu com uma pessoa de uma hora para outra. Essas coisas levam tempo e Amélie só quer que esse tempo chegue logo.

— Tudo bem, minha princesa, não farei nada — o pai de Amélie responde, mas é claro que ele não deixará quieto, só não quer deixa-la ainda pior.

Amélie sorri sem ânimo e deita sua cabeça sobre o colo de sua mãe. Ela está tão triste por sua filha estar sofrendo tanto, não podia imaginar que seu genro amado fosse capaz de fazer tamanha canalhice.

O tempo vai passando e Amélie resolve despedir-se de seus pais, pois ainda precisa trabalhar. Sua mãe lhe dá um beijo e um abraço, seu pai faz o mesmo, dando um beijo em sua testa como sinal de proteção.

— Filha, qualquer coisa que acontecer, me liga, tudo bem? Eu preciso voltar para casa, tenho algumas coisas a fazer — sua mãe diz com pesar. Sua vontade era ficar com a filha, mas não podia.

— Tudo bem, mãe. Tchau, amo vocês. — Ela se despede e entra em seu carro; seus pais acenam e caminham para o próprio veículo, voltando aos seus afazeres.

Amélie dirige o caminho do trabalho, distraída, controlando-se ao máximo para não deixar as lágrimas voltarem a cair. Lágrimas que parecem infinitas. Alguns minutos depois, entra na escola e encontra com a diretora logo de cara.

— Sente-se melhor, Amélie querida? — pergunta gentilmente.

— Sim, muito obrigada, Dona Cassandra. — Sorri forçada, temendo que a senhora em sua frente veja a mentira em suas palavras.

— Que bom, então até mais tarde — Dona Cassandra diz e sai.

Amélie caminha para sua sala, sentindo um grande desânimo, o qual jamais pensou sentir tratando-se do seu trabalho dos sonhos, mas, com tudo que passou, não poderia se sentir de outra maneira, e o que resta é seguir em frente.



Algumas horas mais tarde, Amélie se sente aliviada por estar indo para casa. O dia foi longo, seus pensamentos estão tão longe que mal conseguiu dar aula para sua turma. O que ela quer é um bom banho e se jogar em sua cama, nada a faria sair de lá.

Ela só quer paz e nada mais que isso.

Quando chega em casa, vai para o banheiro, se despe logo em seguida e entra debaixo do chuveiro na água quente. Amélie fica em torno de trinta minutos no banho, sai somente por ver seus dedos já enrugados.

Enrola-se na toalha e caminha para o closet, pegando um pijama de malha. Veste-se e, quando pensa em deitar, sua barriga ronca, e é aí que lembra que não comeu nada desde cedo. Mesmo sem vontade, caminha para a cozinha e decide por fazer um macarrão instantâneo. Não demora muito e senta-se à mesa para comê-lo. Quando termina, deixa seu prato dentro da pia e decide voltar para o quarto, mas antes que tenha a chance, a campainha toca, deixando-a irritada. Só quer ficar quieta, não quer falar com ninguém, e, com má vontade, vai atender.

A pessoa que ela menos quer ver está plantada na porta à sua espera.

— Eu falei que não queria mais te ver, o que faz aqui? — esbraveja vendo Luther em sua frente. É muita cara de pau voltar a procurá-la.

— Eu queria conversar com você, princesa, quero te pedir perdão, eu não queria… — Amélie não o deixa terminar, ri nervosa e logo o responde.

— Eu não tenho nada para falar com você, some da minha frente, Luther. Não adianta falar mais nada, eu sei o que vi. E, se não quisesse, não estaria em cima de outra. Você estava ali porque queria, ninguém te obrigou a nada — Amélie diz, sem paciência.

— Amor… — Luther fala, já chegando perto de Amélie.

— Sai, Luther, você é surdo ou o quê? — Amélie o empurra, e então, ao voltar para sua posição de antes, sente uma tontura. Não dá tempo de se apoiar em nada, Amélie simplesmente desaba no chão.

Luther entra em desespero e sacode Amélie, chamando-a.

— Princesa, por favor, fale comigo. — Sem obter resposta, a pega em seu colo e corre para o carro, levando-a até o hospital mais próximo.

Ele não demora a chegar no local e corre com Amélie em seus braços, pedindo por um médico, que rapidamente chega e leva a mulher para ser atendida. Luther se desespera e anda de um lado para o outro, sem saber o que fazer.

Um tempo depois, o médico volta à sala de espera para chamá-lo.

— Senhor, fizemos uns exames em sua esposa, logo sairão os resultados. Ela está bem e está apenas descansando no quarto — O médico diz e Luther fica aliviado, não perdendo mais tempo antes de caminhar para o quarto.

Amélie dorme tranquilamente enquanto Luther a observa.

Trinta minutos depois, o médico volta com os exames, falando o resultado para Luther e deixando recomendações. Ele não sabe o que fazer, está em choque e mal percebe a hora em que Amélie desperta do sono em que estava. Ao se ver em um lugar estranho, todo branco, e ver Luther à sua frente, desperta por completo.

— Onde estou, e o que faz aqui? Eu pensei ter falado que não o queria em minha frente. — Luther então desperta do seu transe e responde.

— Está no hospital, não lembra do que aconteceu? Nós estávamos conversando, você então desmaiou e eu te trouxe aqui — diz, olhando para Amélie.

— Pode embora daqui, não preciso de você, não quero você aqui — grita e o médico não precisa ser avisado que ela já está acordada, por seus gritos, todos perceberam.

Então o médico resolve entrar no quarto e acalmá-la.

— Senhora, por favor, acalme-se. No estado em que se encontra, não pode ficar nervosa — o médico fala com os resultados dos exames em mãos.

Amélie então para de gritar e entra em desespero.

— Doutor, o que eu tenho? É grave? Me diz, não esconda nada, por favor — pergunta, aflita.

— Calma, você não tem nada grave, a não ser que para você estar grávida seja algo grave — o médico diz, deixando Amélie atônita.

— O quê? O senhor está falando sério? — pergunta sem expressão alguma.

— Sim, seus exames comprovam sua gravidez de três semanas. — Amélie então olha para Luther, e começa a chorar.

Ela não entende o porquê dessa avalanche ter caído em suas costas, consegue menos ainda mais pensar em ter um filho nesse momento. Não faz nem dois dias que descobriu que seu marido a traía. Difícil entender como isso havia acontecido, já ela toma remédio. Eles não queriam um filho agora, só tinha uma única explicação para isso, e foi que o remédio falhou. O que a perturba é pensar que não está com a menstruação atrasada, mas agora o que resta é seguir em frente, com seu bebê. Seca suas lágrimas e, mais uma vez, grita para que Luther saia do quarto.

O médico resolve vez intervir e pedir para que ele saia, porque Amélie está muito nervosa e a presença dele está prejudicando-a, coisa que ele percebeu assim que entrou no quarto.

— Por favor, acalme-se, senhora. Você não pode passar por mais nenhum nervoso, sua gravidez é de risco. Precisa apenas de descanso e repouso — o doutor fala para Amélie, tentando fazer com que se acalme, obtendo sucesso. — Vou pedir para a enfermeira aplicar um calmante — diz, mas antes Amélie pede um favor.

— Doutor, ligue para os meus pais, peça para que venham aqui. E, por favor, não deixe aquele homem entrar mais aqui, é a única coisa que eu te peço. — Amélie então passa o número de sua mãe e o doutor sai do quarto.

Cinco minutos depois, uma enfermeira entra no quarto e aplica o calmante no soro que está em Amélie. Em alguns minutos, seus olhos pesam e ela cai em um sono profundo.

Epílogo

“Eu estou segurando
Por que tudo é tão pesado?
Segurando
Muito mais do que eu posso carregar
Eu continuo arrastando comigo o que me derruba
Se eu soltasse, eu poderia me libertar
Segurando
Por que tudo é tão pesado?” – Linkin Park feat Kiiara - Heavy

Meses depois

Há um mês, Amélie deu a luz a seu bebê. Um menino, lindo por sinal, que chama-se Nicco.

O seu parto foi normal, ela não sofreu tanto e não teve complicações, o que a deixou aliviada. Seus pais estiveram a todo momento ao seu lado, e sua mãe estava lá segurando sua mão quando ela estava em trabalho de parto.

Seu pai, como tinha em mente, foi atrás de Luther e o deu uma surra, jurando fazer pior caso ele voltasse a ver Amélie.

Logo depois ter saído do hospital no dia seguinte que passou mal e descobriu sua gravidez, Amélie decidiu que não ficaria mais naquela casa que um dia fora dela e de Luther. Então, conversou com seus pais e decidiu por vender, já que não aguentaria viver mais naquela casa e dormir na mesma cama em que ocorreu a traição. Era torturante e ela não queria aquele ambiente para o seu bebê. Seus pais então pediram para que voltasse a morar com eles e ela o fez, deixando-os felizes por poder ter a filha e o neto por perto. Nicco é um bebê cheio de amor, os avós não desgrudam nem um pouco do pequeno que tem somente um mês de vida e já é bastante mimado.

Luther não procurou mais por Amélie, desde o dia em que saiu do hospital e nem mesmo depois de ter apanhado de seu ex-sogro. Quando Amélie estava com cinco meses de gravidez, teve que enfrentar Luther por uma última vez quando assinou os papéis do divórcio e saiu sem olhar em sua cara.

Apesar de não ter mais contato com ele, Amélie permite que Nicco conviva com o pai e todos os finais de semanas Luther o pega em sua casa. Uma das empregadas é quem se encarrega de deixar Nicco com ele, pois o pai e a mãe de Amélie ainda guardam mágoas. Por mais que ela odeie admitir, Luther é um bom para Nicco e os dois têm uma relação linda de pai e filho. Ele, com o tempo, percebeu que não teria Amélie de volta e resolveu que deveria seguir em frente.

O amor de Amélie por ele aos poucos foi esquecido, dando lugar ao amor que ela sente por Nicco, por quem jurou lutar para dar todo amor e carinho que precisar.

Amélie há alguns meses conversou com dona Cassandra sobre sua gravidez e resolveu se demitir, pois queria dedicar seu tempo ao filho, pelo menos no primeiro ano

de vida. Dona Cassandra ficou triste, por gostar tanto de Amélie, mas não se opôs em nada. A decisão de sair do trabalho foi tomada em uma outra conversa com os pais, que concordaram plenamente com ela. Eles a ajudariam e Amélie tinha um dinheiro guardado, então isso não seria problema.

Cada dia que passa, Amélie sente uma alegria imensa por ter uma preciosidade em sua vida. Ela achou que seria uma grande luta conviver com alguém que a fizesse lembrar do grande canalha que entrou em sua vida, mas não. Nicco não tem quase nada do pai, o que a ajuda muito.

Amélie está divagando quando ouve um chorinho, então levanta-se do sofá e vai rapidamente ver seu filho. É sempre assim, ele chora e ela corre preocupada pensando ter acontecido algo.

— Oi, meu amor, a mamãe está aqui. — Pega o pequeno que estava no berço em seus braços, dando um beijo em sua cabeça. E, como um passe de mágica, o choro cessa.

Amélie senta-se na poltrona e o amamenta, seus olhos brilham ao ver o rostinho do filho sugando seu peito, tamanha felicidade ela sente com a sensação de tê-lo em seus braços. É maravilhoso. Uma lágrima escorre por sua face, fazendo com que ela limpe antes que caia no rosto de seu bebê.

— A mamãe te ama tanto, meu amor — Amélie sussurra para o filho, que a olha nos olhos, e sorri.

Um sorriso pequeno, mas é como uma resposta por suas palavras.

Amélie abre um grande sorriso ao ver seu príncipe sorrindo para ela. Mal pode esperar pelo momento em que ele a chamar de mãe.



Dois anos depois

Nicco completou dois aninhos semana passada. Assim como na festa de um ano do menino, Amélie fez uma pequena comemoração, somente para os mais próximos, incluindo Dona Cassandra que não poderia faltar. Nesse momento, está dando um passeio pelo parque com Nicco, que já está andando e falando algumas palavras.

— Filho, você vai cair — Amélie grita para ele, que corre atrás de alguns pombos pelo parque, rindo.

Amélie observa seu filho atentamente, ela mal pode acreditar no quanto cresceu e se parece com ela. Caminhando e olhando em direção à criança, Amélie mal percebe que há um homem passando, apressado.

Os dois se trombam, fazendo com que Amélie quase vá ao chão. O que aconteceria se não fosse pelo homem moreno dos olhos verdes agarrá-la pela cintura, impedindo-a de cair.

— Desculpe — os dois falam ao mesmo tempo e Amélie sorri sem graça.

Ela lembra-se de Nicco e volta em si.

— Nicco, vem, vamos embora, filho, está ficando tarde — grita para o menino, que caminha até ela.

Nicco, mesmo com a idade que tem, é bem obediente, o que torna tudo mais fácil para Amélie.

O homem, que ainda permanece parado ali, observa toda a cena.

Arlo é o nome dele. Com trinta anos, é um grande empresário, viúvo e nas horas vagas, prefere correr no parque para esvaziar a mente. Foi casado durante dez anos e, com a morte de sua falecida esposa, nunca mais se relacionou com alguém.

Amélie, já com Nicco nos braços, olha novamente para o homem e pede desculpas mais uma vez. O homem a responde e segue com o olhar enquanto ela caminha com o filho. Arlo se vê encantado com aquela moça que mal sabe o nome, mas que quer ver mais vezes.

Amélie caminha com o filho, mas seus pensamentos estão longe, ainda tentando entender o que aconteceu há poucos minutos. Não entendia o porquê desse choque ao sentir o olhar daquele homem sobre o dela. Uma coisa passou por sua cabeça e ela quer descobrir o desfecho disso tudo.

Fim

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado forças para poder escrever esse conto e concluí-lo.

Agradeço minha mãe e meu marido, por me apoiarem sempre.

Agradeço meus irmãos e as minhas amigas e leitoras.

Agradeço a Vic pela revisão, a Aline por diagramar e a Laís pela capa. Obrigada meninas vocês são uns amores.

Agradeço a todos os leitores e espero ter agradado todos vocês com essa minha história da Amélie e do Luther, eu a escrevi com muito amor e carinho.

Amo todos vocês.

Contato

Facebook: JulianaHCardamone Autora

Instagram : Autora Juliana H Cardamone

Wattpad: JulianaHCardamone